

# Simmel e Kierkegaard. Estádios no Caminho do Viajante

*Simmel and Kierkegaard. Stages on the Traveler's Way*

*Simmel y Kierkegaard. Estadios en el Camino del Viajero*

*Simmel et Kierkegaard. Étapes sur le chemin du voyageur*

**Elisabete M. de Sousa**



Universidade de Lisboa

## **Resumo:**

O pensamento sobre viagem e viajantes nos escritos de Søren Kierkegaard (1913-1855) e de Georg Simmel (1858-1918) revela afinidades no que diz respeito à abordagem do estético e do ético, inerentes à atividade de viajar. Após uma breve contextualização histórica do que era viajar nos tempos em que viveram, a respectiva crítica da viagem e do viajante é abordada em duas seções diferenciadas. Na quarta seção, aplicam-se os conteúdos kierkegaardianos e simmelianos à análise de alguns aspetos constitutivos da literatura de viagens.

**Palavras-chave:** Kierkegaard; Simmel; teoria da viagem.

## **Abstract:**

*The thought concerning travel and travelers in the writings of Søren Kierkegaard (1913-1855) and Georg Simmel (1858-1918) reveals affinities with regard to the approach to the aesthetic and the ethical, inherent to the activity of traveling. After a brief historical contextualization of what it was like to travel in their times, their critique of travel and the traveler is addressed in two different sections dedicated to each of these thinkers. In the fourth section, Kierkegaardian and Simmelian contents explored in sections 2 and 3 are applied to the analysis of some constitutive aspects of travel literature.*

**Keywords:** Kierkegaard; Simmel; theory of travel.

## **Resumen:**

*El pensamiento sobre los viajes y los viajeros en los escritos de Søren Kierkegaard (1913-1855) y Georg Simmel (1858-1918) revela afinidades con respecto al enfoque estético y al enfoque ético, inherentes a la actividad de viajar. Tras una breve contextualización histórica de cómo era viajar en la época en que vivían, la crítica respectiva al viaje y al viajero se aborda en dos secciones diferenciadas. En la cuarta sección*

*se aplican contenidos kierkegaardianos y simmelianos al análisis de algunos aspectos constitutivos de la literatura de viajes.*

**Palabras clave:** Kierkegaard; Simmel; teoría del viaje.

### **Résumé:**

*La réflexion sur le voyage et les voyageurs dans les écrits Søren Kierkegaard (1913-1855) et Georg Simmel (1858-1918) révèle des affinités quant à l'approche de l'esthétique et de l'éthique, inhérentes à l'activité de voyager. Après un brève panorama sur le contexte historique du voyage à leur époque, leur critique du voyage et du voyageur est abordée dans deux sections différentes à eux consacrées. Dans la quatrième section, les contenus kierkegaardiens et simméliens sont appliqués à l'analyse de certains aspects constitutifs de la littérature des voyages.*

**Mots-clef:** Kierkegaard; Simmel; théorie du voyage.

## **Introdução**

O pensamento sobre viagem e viajantes de Søren Kierkegaard (1913-1855) e de Georg Simmel (1858-1918) revela afinidades que não se traduzem numa importação direta de conceitos e categorias do segundo em relação ao primeiro, mas antes no modo como analisam o estético e ético subjacentes à atividade de viajar. Ambos partilham uma abordagem que não só lhes permite elaborar um ponto de vista distinto, como também desenvolver uma interessante crítica da viagem, enquanto atividade formadora que, já durante o iluminismo, se tornara constitutiva da formação do homem moderno.

Antes de apresentar algumas das reflexões kierkegaardianas e simmelianas, e para melhor entendimento do seu contributo para a nossa própria reflexão, cabe dizer algumas palavras sobre os contextos em que os escritos desses pensadores vêm a lume, pois os momentos distintos do que se entendia por viagem determinam em parte as observações desses pensadores. No mundo de influência da cultura germânica, os primeiros guias de viagem (*Baedeker*) datam de 1832. Cumpriam o propósito singelo de serem meios auxiliares para a preparação de roteiros seguros, geralmente de pequenos percursos, na procura da superação de obstáculos de diversa ordem, e não tanto para divulgação de *Sehenswürdigkeiten*. O teor dos guias foi sendo modificado ao longo do século dezanove em sintonia com as mudanças observáveis da tipologia da viagem e, naturalmente, do perfil do viajante. De fato, só no último quartel do século dezanove se tornaram mais abrangentes, passando a incluir informação

mais detalhada, da vertente paisagística e monumental à logística das pousadas e das estradas, sem descurar as alternativas de transporte.

No que a estes dois pensadores diz respeito, em termos práticos, à morte de Simmel, consolidava-se o transporte público massificado, urbano e interurbano, com a utilização do trem e dos tróleis citadinos, e abria-se uma nova era com o dealbar das viagens aéreas e do triunfo do automóvel. Quanto a Kierkegaard, o meio de transporte por ele privilegiado foi ainda a diligência. Sendo certo que analisou as mudanças radicais que o caminho-de-ferro impôs, como adiante veremos, não testemunhou o avanço avassalador da comunicação ferroviária na Europa, pois só na segunda metade do século dezanove se assistiu ao esforço conjunto das nações para ligar por trem as capitais europeias.

A intensa migração e a mobilidade crescente, a nível europeu e mesmo global, são igualmente impactantes no decurso da vida de ambos os pensadores. Foi nas décadas de 1830 e 1840, durante as quais teve lugar o auge da produção e publicação das obras de Kierkegaard, que se iniciou a emigração massiva dos europeus para os Estados Unidos da América, designadamente, os oriundos da Escandinávia, um movimento migratório que cresceu exponencialmente até finais do século dezanove. Um irmão do próprio filósofo dinamarquês partiu para o Novo Mundo para aí se estabelecer, vindo a falecer poucos meses depois. E foi também nas mesmas décadas que se multiplicaram as missões religiosas e as expedições científicas a territórios que até aí permaneciam pouco conhecidos. Assistiu-se, assim, a uma expansão da ideia de grande viagem, inicialmente aplicada apenas às viagens de descobertas de rotas marítimas e a expedições científicas como as de Darwin. A ideia de expedição investigativa, adiante desenvolvida, e que em dinamarquês é designada pelo termo *opdagelseise* – literalmente “viagem de descoberta” – marca presença no corpus kierkegaardiano, remetendo para o que está envolvido neste tipo de empreendimentos exploratórios, com ênfase na determinação de quem se decide a fazê-lo e no confronto com o desconhecido. Sendo a sua operacionalidade bastante elevada, assim como o enriquecimento semântico para a definição da ideia de viagem em Kierkegaard, esta ideia, todavia, provém da de *Bildungsreise*, a viagem de formação que evoluiu a partir do *Grand Tour* dos séculos dezassete e dezoito e que, no século dezanove, se viu revestida de um valor intrínseco inalcançável de outro modo nessa era. A viagem de formação ambicionava ser uma conjugação ideal do belo e do bom – quanto mais rico fosse o contato com novos lugares, costumes e histórias, mais enriquecedora seria para a formação moral, intelectual, cultural e artística do viajante. Porém, em Kierkegaard, a viagem de formação tende a ser apresentada como um

grande empreendimento de descoberta do desconhecido. Ao mesmo tempo que se demarca da necessidade e/ou do imperativo cultural contemporâneos de embarcar em tal viagem, o pensador dinamarquês constrói uma outra necessidade e/ou imperativo para um outro tipo de viagem – uma expedição ou exploração investigatória do si mesmo, com o eu a protagonizar a sua própria grande viagem de descoberta.

Quanto a Simmel, o seu tempo de reflexão decorre cerca de setenta anos após o de Kierkegaard e distingue-se naturalmente por estar focado na análise sociológica dos fenômenos. No limiar do século vinte, o pensamento simmeliano estava em plena maturidade. Atingira-se o pico do movimento migratório da Europa para as Américas do Norte e do Sul, e as grandes expedições científicas já haviam chegado ao Polo Norte e ao Polo Sul. Por seu turno, a migração de populações em busca de melhores condições de vida ganhara progressivamente terreno à emigração mais típica dos finais do século dezoito e do primeiro quartel do dezanove, tantas vezes impulsionada por perseguições a grupos de identidade religiosa ou étnica bem definida. Mas Simmel não perde o indivíduo de vista e os textos que abordo neste artigo demonstram-no cabalmente. A análise psicossocial do estrangeiro enquanto imigrante e da comunidade na qual se estabelece é analisada no ensaio *O Estrangeiro*, sem negligenciar relações e determinações econômicas do fenômeno, porém, sublinhando continuamente a intersubjetividade gerada no seio da comunidade de acolhimento entre quem chega e quem nela se encontra desde que se conhece. Em *A Aventura*, Simmel explorou a ideia de aventureiro em múltiplas direções – não se trata propriamente de detalhar o perfil daquele que parte à aventura, indo à descoberta de terras nunca antes vistas ou de experiências nunca antes vividas, mas sim de identificar qual a qualidade distintiva do aventureiro que pode ser replicada em outras atividades para além da viagem. No limite, pode ser-se aventureiro sem desbravar territórios físicos, o que aproxima este aventureiro simmeliano do indivíduo kierkegaardiano que se decide a conduzir a existência como uma grande viagem de descoberta. Quanto à *Bildungsreise*, continuava pujante no tempo de Simmel, e foi também sobre ela que o seu olhar crítico se debruçou em *Viagem alpina*, ensaio no qual o autor já isola, em relação ao modelo contemporâneo de Kierkegaard, uma diferença qualitativa imposta pela tecnologia e pela consequente alteração de estilos de vida, o que faz avaliar perdas e ganhos do avanço tecnológico.

## Kierkegaard

Começamos então por Kierkegaard. Em primeiro lugar, é de sublinhar que, à semelhança do que acontece com quase todos os conceitos, categorias, ou meras ideias exploradas pelo filósofo dinamarquês, o tratamento da ideia de viagem e do viajante ocorre, na maioria das vezes, dentro de escritos com uma profunda marca literária, nos quais o trabalho poético e a fábula se entrelaçam na matéria que constroem, algumas vezes em textos reconhecíveis como pertencentes a subgêneros específicos (por exemplo, sermões religiosos), o que em certa medida atenua o relevo que a ideia pode de fato alcançar. Com uma recorrência transversal em toda a sua produção, a ideia de viagem evidencia um pilar de sustentação para o qual converge todo o seu sentido do viajar, e naturalmente, também o perfil do viajante de eleição escolhido por Kierkegaard. Esse pilar é o termo, acima referido, que em si mesmo denota exploração – *opdagelsesreise*. Porém, essas viagens de descoberta, exploratórias ou de investigação, a que Kierkegaard se refere, não são tomadas literalmente – não há porto de saída ou de entrada, não há território virgem por desbravar identificável no mapa-múndi, ou distâncias mensuráveis em quilômetros; e quando há, como em *A Repetição*, não é isso o fulcro da questão. Os protagonistas destas expedições podem sair rumo à experimentação do seu eu poético (KIERKEGAARD, 2013a, p. 71); rumo à interrogação filosófica de si e do mundo, como Sócrates (KIERKEGAARD, 1991, p. 188, n. 45), mesmo partindo do princípio de que Deus existe (KIERKEGAARD, 2012, p. 96); ir em dupla viagem de investigação sobre a (im)possibilidade de repetição, como Constantin Constantius em *A Repetição*; explorar potencialidades do eu erótico, seja numa vertente puramente estética, como Papageno e indo até mais longe, Don Juan, porque alcança o triunfo do desejo (KIERKEGAARD, 2013a, p. 117); ou desbravar o casamento como campo de comprometimento ético (KIERKEGAARD, 1999, p. 87). Vemos, assim, como esta grande viagem de descoberta percorre os dias da existência, os lugares habitados por cada um no caminho da vida, e é marcada por estádios, ou seja, lugares-estações de pausa que determinam a possibilidade de consecução do rumo que o indivíduo traçara para cumprir o seu percurso. O que se passa no mundo do espírito, do intelecto e do imaginário pode ser tão relevante como o que ocorre na realidade efetiva de cada um. Sem viagem interior não há viagem exterior, e o viajante solitário não segue sozinho, pois transporta consigo o que o impele a viajar. A viagem externa e a interna, a física e a espiritual podem mesmo coincidir. Talvez o exemplo de maior esplendor literário e filosófico seja

o primeiro capítulo de *Temor e Tremor* (“Disposição”), no qual o dilema espiritual de Abraão é narrado sobre os passos da sua viagem até à montanha onde haveria de cumprir o desígnio divino de sacrificar o seu filho – um todo que é percurso físico e espiritual recordado e repetido na imaginação do homem que vivera na sombra da recordação de Abraão (KIERKEGAARD, 2009a, 55-64).

A haver dúvidas de que assim seja, a leitura de *A Repetição* afasta-as. A viagem de investigação e descoberta, assim identificada por Constantin Constantius, o pseudônimo kierkegaardiano que é narrador onisciente desta história (KIERKEGAARD, 2009b, 53), tem existência física, é um experimento psicológico através do qual Constantius pretende repetir as atividades realizadas numa viagem anterior, agora com o objetivo de verificar a possibilidade de repetição. Na primeira parte do livro tudo se passa ao nível da imediaticidade e no âmbito do estético. Na conclusão dessa primeira parte, Constantius, o narrador, reconhece, com desapontamento intelectual, que esse tipo de repetição, sem diferença, é impossível (KIERKEGAARD, 2009b, p. 79-80). Sabemos que era inevitável que assim fosse desde a primeira página da obra, porque Constantius demonstrara como a dialética entre recordação e repetição é insuperável (KIERKEGAARD, 2009b, p. 32). Ainda na secção inicial, antes da descrição das atividades concebidas para testar a possibilidade de repetição, Constantius narrara o episódio de uma viagem de diligência de regresso a Copenhaga, no qual não é o itinerário ou o conforto dos assentos ou a beleza da paisagem o que está em causa. O que nesse episódio lhe importa é o que a intersubjetividade revela num plano estético-ético, manifestado na sua própria atitude cautelosa diante da jovem a quem oferece transporte de regresso à capital, e nas considerações que tece acerca da sua própria motivação para o fazer e da motivação feminina de quem decidiu aceitar a sua oferta (KIERKEGAARD, 2009b, p. 49-50). A singularidade dessa experiência, que decorre inteiramente num delicado jogo de pensamentos e atitudes dominado pela temporalidade do instante, contrasta com o ensaio a que se propôs, o de repetir em Berlim, no mesmo formato espaço-temporal, o que aí protagonizara um ano antes numa outra estadia. Ora, no episódio da viagem de diligência com a jovem, a ênfase dada à intersubjetividade nascida do instante é tão ostensiva que o carácter único da experiência não pode escapar ao leitor, ao passo que, na sua descrição de como as sucessivas tentativas de repetição de experiências anteriores se goram, a intersubjetividade subjacente às atividades descritas é praticamente esmagada pelas descrições vívidas das repetições e pela ênfase que é dada ao desapon-

tamento diante do experimento falhado. Porém, o leitor mais atento pode inteligir que não se verificou a possibilidade de repetição de vivências singulares porque a intersubjetividade intrínseca, a disposição e atmosfera em cada ato revivido são, inevitavelmente, outras, diferentes das que envolveram a estadia do autor um ano antes na mesma cidade – o senhorio, sendo o mesmo, casou-se; no teatro, assistindo Constantius à mesma peça do ano anterior, os atores não lhe parecem estar tão inspirados, o público não ri da mesma maneira –, as ações repetem-se mas com uma diferença. Será a viagem interior do jovem, o narrador e protagonista da segunda parte da obra, em forma epistolar, a constituir-se como a verdadeira grande viagem de descoberta, não só do si mesmo, mas da constatação da possibilidade de repetição, não na imanência, mas num movimento entre o ético e o ético-religioso, que se desenrola no íntimo de si mesmo. Por seu turno, Constantius confessa que é “capaz de se circum-navegar”, mas não de se elevar acima de si mesmo (KIERKEGAARD, 2009b, p. 91), ou de se transcender e de, assim, concretizar a repetição ao nível da transcendência, à semelhança do jovem, como anunciara, aliás, anteriormente:

Se um indivíduo circum-navegou a existência, tornar-se-á evidente se tem coragem para entender que a vida é uma repetição e desejo suficiente para com ela se regozijar. Aquele que não circum-navegou a vida antes de começar a viver nunca chegará a viver; aquele que a circum-navegou, e porém ficou satisfeito, tinha uma fraca constituição; aquele que escolheu a repetição, esse vive. (KIERKEGAARD, 2009b, p. 33).

Porém, se tomarmos *A Repetição* como viagem de circum-navegação do seu autor, e não do seu narrador, somos levados a concluir (tal como acontecera com aquele homem ao repetir as jornadas de Abraão na imaginação enquanto seguia na esteira dos passos do Patriarca até à montanha) que a repetição é possível na realidade efetiva, quando a criação literária dá forma ao experimento filosófico e psicológico, e, assim sendo, os estádios da existência entrecruzam-se indelevelmente.

É nos escritos kierkegaardianos de maior pendore religioso que os termos “viagem” e “viajante” são mais recorrentes. Não se trata simplesmente de uma variante da imagem do “caminho” e do “caminhar”, que prolifera na homilética, a partir do convite de Cristo para o seguirem; “caminho” e “caminhar” são insuficientes, ficam aquém daquilo que o pensador dinamarquês exige ao indivíduo que ambicione ser cristão. Viajar exige preparação, equipamento, planejamento e antecipação, e, no texto kierkegaardia-

no, os campos semânticos e lexicais em torno da ideia de viagem caracterizam também a grande viagem de descoberta que é, para Kierkegaard, ser cristão. Nos discursos que constituem a primeira parte de *Discursos Cristãos* (1848), intitulada *As preocupações dos pagãos*, o cristão deve seguir essa viagem com a despreocupação do lírio e a mobilidade da ave que cruza os céus enquanto olha a terra (KIERKEGAARD, 2004). No entanto, já na primeira fase de produção, nos anos de 1843 e 1844, o viajante leva consigo um imperativo ético-religioso e os passos que der na sua existência imanente orientam-no rumo a uma existência transcendente. Colecionar cidades (KIERKEGAARD, 2010, p. 57), ou ambicionar conhecer todos os seus recantos (KIERKEGAARD, 2013, p. 56), sem desenvolver um olhar ético, sem observar “a vida eticamente, [...] segundo a sua beleza” (KIERKEGAARD, 2017, p. 277), são insuficientes, tal como uma prática ritualística da religião não é aquela que constrói o sentido existencial do cristão. A grande viagem de descoberta não é uma mera viagem de formação moral e religiosa, mas uma viagem de edificação, que exige o maior esforço ético-religioso, a maior seriedade, por parte do indivíduo.

Esta citação do último ano de vida de Kierkegaard (1855) ilustra a sua proposta radical, e, em simultâneo, faz prova cabal da operacionalidade da ideia de viagem na sua escrita, alicerçada no que realmente viajar, no seu tempo, implicava e podia significar. Note-se o modo arguto como Kierkegaard observa as mudanças de percepção do real, introduzidas pelo trem:

Det nye Testamente betragtet som Veiledning for den Christne bliver derfor, under hine Antagelser, et historisk Curiosum, omtrent som en Haandbog for Reisende i et bestemt Land, naar Alt i det samme Land er totalt forandret. En saadan Haandbog har ikke mere Alvoren af at være for Reisende i det Land, men har høist Værd som Morskabslæsning. Medens man paa Jernbane farer let hen ad Veien, læser man i Haandbogen »her er det frygtelige Ulvesvælg, hvor man styrter 70,000 Favne ned under Jorden«; medens man sidder og ryger sin Cigar i den hyggelige Caffee læser man i Haandbogen »her er det, at en Røverbande har sit Tilhold, som overfalder og mishandler de Reisende«: her er det ∴ her var det, thi nu – morsomt nok at tænke sig, hvordan det var – nu er der intet Ulvesvælg men Jernbane, og ingen Røverbande men en hyggelig Caffee.<sup>1</sup> (KIERKEGAARD, 2009c, p. 165).



## Simmel

A escrita depurada de Simmel, despojada de ambições literárias que sejam comparáveis às de Kierkegaard, revela tratamento rigoroso dos mais diversos temas e conteúdos por ela abordados, o que só é possível graças a uma capacidade de observação e de análise tão rica quanto a propriedade semântico-lexical de que faz prova. Focando tantas vezes aspectos da vivência do cotidiano que eleva a campos epistêmicos – da moda ao dinheiro, do espaço à grande metrópole, da tragédia à paisagem –, sucedem-se ensaios cuja clarividência atua como facilitadora da leitura. Não sendo um dos temas fortes dos seus escritos, os textos de que falarei em seguida serão porventura os que abordam o tema de modo mais explícito. Todavia, o tema subjaz ao tratamento de outros que são matéria primordial da sua obra, como a paisagem e a metrópole.

*Viagem Alpina (Alpenreisen, 1895)* é um relato breve reunindo reflexões suscitadas pela inauguração de uma linha férrea (a do Eiger), que tornou possível subir a pontos inacessíveis dos Alpes sem ter de penar por caminhos sulcados nas encostas. Simmel analisa em profundidade o que Kierkegaard antevira no final da vida, colocando de um lado as aparentes vantagens da acessibilidade e da conseqüente massificação da viagem, e do outro lado a perda da experiência individual e conseqüente impossibilidade de interiorização da contemplação estética. Embora adiante discorde do eventual ganho moral, e ainda menos, físico, que possa advir das dificuldades e obstáculos enfrentados por cada um dos alpinistas que empreendesse a escalada, e condene eticamente esta atividade no parágrafo conclusivo (considerando que o alpinista é um jogador que, por exemplo, compromete a segurança do seu guia para realizar os seus objetivos)<sup>2</sup>, Simmel observa, logo no início, que aquela conquista da tecnologia resulta numa perda, no tocante ao que pode advir do confronto do homem com a natureza pristina. A solidão do alpinista permitia potenciar “o valor pedagógico da viagem aos Alpes” (SIMMEL, 1895, p. 22), pois o prazer que daí retirasse dependia de si mesmo do ponto de vista externo e interno. Aquilo que fora um elemento fundamental da vida psíquica do indivíduo (*Seelenleben*) e parte constituinte do seu processo de formação (*Bildung*) torna-se agora objeto de uma psicologia social (*Volkerpsychologie*), pois a afluência material (*Wohlhabenheit*) é indissociável desse processo de formação, dando lugar a um prazer egoísta e momentâneo que parecia não ter lugar na primitiva conquista solitária dos Alpes. Não é pois de espantar que inclua neste ensaio uma condenação

radical do capitalismo: “O poder do capitalismo espalha-se também sobre os conceitos; é suficientemente rico para adquirir um termo outrora nobre como «*Bildung*» para sua propriedade privada.” (SIMMEL, 1895, p. 22). Além de uma perda ética quanto ao conhecimento de si mesmo, há uma perda estética, também no sentido kierkegaardiano do termo, pois, para Simmel, o prazer ou a diversão que se obtém é tanto maior quanto mais livre de certezas e mais plena de contradições for a existência e a facilitação do percurso da viagem redundante no contrário. E acrescenta Simmel num eco nietzscheano: “Quanto mais inquieto, mais incerto, mais contraditório for o moderno *Dasein*, tanto mais nos faz ansiar apaixonadamente pelas alturas que estão para além do nosso bem e mal, para as quais levantamos os olhos, se, aliás, não tivermos desaprendido de olhar para cima.” (SIMMEL, 1895, p. 23).

No ensaio *O Estrangeiro (Exkurs über den Fremden, 1908)*, o objeto de estudo é o emigrante que se estabeleceu numa comunidade que lhe é tão estranha quanto ele próprio o é no seio dessa mesma comunidade. Este ensaio é extremamente relevante para a análise dos processos de fixação das populações migratórias e, neste sentido, muitas das observações continuam pertinentes diante dos fluxos migratórios de África e do Médio Oriente para a Europa, e da América Central para a do Norte. E também é notável o seu contributo para uma reflexão sobre as mudanças em aceleração nos tempos de hoje, marcados por uma mobilidade que se estende do trabalho ao lazer, e que, recentemente, com o imperativo do trabalho remoto e virtual, se complexificou não só em termos da estrutura da instituição laboral, mas também no que diz respeito à tessitura de que é feito o relacionamento humano. Simmel comenta que o estrangeiro se caracteriza pela simultaneidade de dois movimentos que não se anulam: ele é aquele que se desprende do espaço que era o seu e se fixa num espaço no qual é visto como estranho. Distingue-se do viajante por permanecer nesse espaço e a ele pertencer, embora essa pertença não seja de origem (SIMMEL, 2004a, p. 133). À semelhança dos judeus europeus que, ao tempo de Simmel, eram estrangeiros nas comunidades onde viviam por não possuírem terra, tal como o estrangeiro por “definição” também não a tem (SIMMEL, 2004a, p. 135), tornamo-nos no mundo em que vivemos não possuidores de terra na própria terra onde vivemos, e porventura adquirimos o que Simmel designa por “atitude específica da *objectividade*” do estrangeiro, a qual é não só fruto de “passividade e desprendimento” como “resulta numa combinação de distância e proximidade, de envolvimento e de indiferença” (SIMMEL, 2004a, p. 136). No texto de Simmel, é no seio desta proximidade e deste distanciamento sempre coexistentes que se mede a empatia

de quem acolhe e a simpatia de quem chega. Simmel sublinha como o estrangeiro é por vezes aquele a quem os segredos da comunidade são confiados (SIMMEL, 2004a, p. 136). Em *Sociologia do espaço* (*Soziologie des Raumes*, 1903), Simmel é mais explícito ao falar da empatia que tantas vezes instantaneamente se gera no encontro de duas pessoas que à partida partilham apenas a condição de viajantes:

O conhecimento travado entre viajantes – enquanto realmente se tratar apenas disso, sem assumir um caráter que independa de sua espécie de vinculação inicial – muitas vezes desenvolve uma intimidade e franqueza para as quais, no fundo, não há, na verdade, como encontrar qualquer razão interna. Aqui, parecem operar em conjunto três fatores: o desprendimento do ambiente costumeiro, a comunhão das impressões e acontecimentos momentâneos, a consciência da separação iminente e definitiva. (SIMMEL, 2013, p. 102).

Por outro lado, destaco um comentário quase conclusivo de Simmel, no qual se estabelece um critério de avaliação do grau de estranhamento. Como adiante veremos, contribui para a nossa análise do perfil do narrador-viajante no que diz respeito ao estabelecimento de uma empatia, e que muitas vezes ajuda a explicar como se determinam preferências por autores e/ou tipos de narrativas de viagem. Diz Simmel:

[O] estrangeiro está próximo de nós enquanto sentirmos entre nós e ele características comuns tais como a nacionalidade, o estatuto social, a profissão ou a pertença à espécie humana em geral. Mas está longe de nós logo que essas características comuns nos ultrapassam, a ele ou a nós, e só nos aproximam simplesmente porque aproximam muito as pessoas. (SIMMEL, 2004a, p. 138).

Em *A Aventura* (*Das Abenteuer*, 1910), deparamos com a individualização de diversos tipos de aventureiros, de acordo com uma vivência intensa do seu “agir e experiência”. Há aquele que é comparável ao artista porque “uma parte da existência, entrelaçada com o fio contínuo desta, é assim sentida como um todo, como uma unidade integrada – é esta forma comum tanto à obra de arte como à aventura” (SIMMEL, 2004b, p. 181); ou aquele que se assemelha ao jogador porque “o aventureiro procura fazer com que o acaso, situado fora das séries vitais unitárias, regidas por um sentido, esteja, todavia, integrado nelas” (SIMMEL, 2004b, p. 183); com efeito, a síntese entre

casualidade e necessidade só é possível ao aventureiro profissional, pois ele “transforma a falta de sistema da sua vida num sistema vital” (SIMMEL, 2004b, p. 183-184); o protagonista da aventura erótica enfatiza a juventude e alguma imaturidade presentes genericamente na aventura (SIMMEL, 2004b, p. 191); e até mesmo o filósofo é descrito como “aventureiro do espírito” (SIMMEL, 2004b, p. 186).

Em paralelo, Simmel aponta um conjunto de propriedades do agir e da experiência que configuram a própria aventura. Sendo uma forma de vida (SIMMEL, 2004b, p. 188), a aventura é simultaneamente definida como fazendo “parte de um percurso vital”, e o episódio que ganha forma de aventura adquire significado quando “sai fora do contexto da vida” (SIMMEL, 2004b, p. 179). Simmel recorre a expressões que sublinham a natureza desta rutura simultaneamente intrínseca e extrínseca à vida – assim como a aventura “sai fora do contexto da vida” (SIMMEL, 2004b, p. 179) também cai “como um corpo estranho na nossa existência” (SIMMEL, 2004b, p. 179). Este modo de descrever a aventura poderia ser igualmente aplicado à descrição da viagem de descoberta por território desconhecido comentada na secção anterior dedicada a Kierkegaard. Nas frases conclusivas deste parágrafo, reconhece-se o sentimento de estranheza que por vezes sentimos na evocação de experiências tidas em viagem, que a dado momento saíram do contexto da nossa vida e que agora regressam até nós acompanhadas de um desdobramento do eu:

Quanto mais “aventureira” for uma aventura, quanto mais ela corresponder ao conceito de aventura, tanto mais onírica será na nossa recordação. E muitas vezes afasta-se tanto do ponto central do eu e do decorrer da vida por este mantido que facilmente pensamos na aventura como se fosse outro a tê-la vivido; o facto de pairar tão longe desta vida, de se lhe ter tornado tão estranha, reflecte-se, por assim dizer, em que o nosso sentimento justificaria que a atribuíssemos a outro sujeito. (SIMMEL, 2004b, p. 180).

No entanto, nem toda a aventura é uma aventura que sai fora do contexto da vida e que se recorda como um sonho. Existe a possibilidade, quase tão nietzscheana quanto kierkegaardiana, de “pressentir uma unidade superior que abarca a sua totalidade, uma espécie de supervida que se relaciona com aquela como a totalidade da própria vida com os acontecimentos um por um, que constituem para nós as aventuras empíricas” (SIMMEL, 2004b, p. 184). Simmel leva ainda mais longe as suas observa-

ções e admite uma “ordem metafísica” que permita que saíamos da imanência diante de “um destino transcendente e em si unitário”, reconhecendo esta disposição como típica de “certos estados de espírito religiosos” (SIMMEL, 2004b, p. 184-185). A seu modo, o filósofo, enquanto aventureiro do espírito, tem ambições semelhantes:

Faz a tentativa desesperada mas nem por isso desprovida de sentido, de dar forma de conhecimento conceptual ao comportamento vital da psique, aos seus estados de espírito perante si mesma, ao mundo, e a Deus. E trata deste problema insolúvel, como se ele tivesse solução. (SIMMEL, 2004b, p. 186)

Mas há um outro conjunto de observações de Simmel sobre aspectos que parecem ser absolutamente triviais acerca do que se considera ser aventura, porém, de contornos igualmente pertinentes para caracterizar o viajante enquanto grande aventureiro. Sendo simplesmente formas de vida reconhecíveis como aventura, permitem aceder a uma contemplação da vida enquanto totalidade sem que se passe pela sua integração numa transcendência. Simmel considera que a aventura entra na nossa existência quando se produz a rejeição radical da “continuidade com a vida, porque desde logo se apresenta uma estranheza, uma inacessibilidade, uma incongruência”, sendo que, todavia, a aventura acontece por uma delimitação que não é “mecânica, mas sim orgânica.” (SIMMEL, 2004b, p. 181). Por outro lado, a autoconfiança do aventureiro assenta “na sua própria força, mas sobretudo na sua própria sorte” (SIMMEL, 2004b, p. 188). Não há receitas ou conteúdos para experimentar a aventura como vivência – é a forma aventureira que a determina, “na intensidade ou na tensão [...] com que nos faz viver a vida” (SIMMEL, 2004b, p. 193). Outras palavras, logo adiantadas, curiosamente, aproximam-no da tensão entre o que se diz e o como se diz, identificada por Kierkegaard, via Johannes Climacus em *Pós-Escrito à Migalhas Filosóficas*: “Objetivamente, acentua-se o que é dito, subjetivamente, como isso é dito” (KIERKEGAARD, 2013b, p. 213). Diz então Simmel: “O que costuma chamar-se a subjectividade da aventura não é mais do que isto: que o material da vida, no seu significado objectivo, não é para ela tão importante quanto o processo que o conduz, quanto a própria vida” (SIMMEL, 2004b, p. 193). Esses conteúdos, para Simmel, podem ser alcançados noutras formas de vida, e acabam por descrever com acuidade a viagem epifânica do cristão kierkegaardiano. Concluindo o seu ensaio num registro arrebatador, Simmel propõe que seremos “aventureiros da terra” se tivermos a aventura como tensão vital, mesmo quando a aventu-

ra é um “fragmento da existência juntamente com outros” (SIMMEL, 2004b, p. 197). Fragmentários ou casuais, na sua radicalidade, esses conteúdos “possuem a misteriosa força de fazer-nos sentir, por um instante, a totalidade da vida como a sua culminação, e que o seu portador tem como única razão de ser a realização desta mesma totalidade” (SIMMEL, 2004b, p. 196-197).

## Epílogo

Tornei-me uma ávida leitora de literatura de viagens, desde que a pandemia se instalou. Apesar de sempre ter lido narrativas de viagem, a par de biografias e diários, uma leitura massiva de obras deste tipo só para mim foi agora possível. Poesia ou ensaio adensavam as sombras deste tempo e qualquer intriga romanesca parecia-me ficar aquém do enredo trágico em que caímos. Ora, no âmbito da literatura de viagens, incluem-se escritos de índole e de épocas bastante diversas, o que me levou, desde logo, a refletir justamente sobre o que os une sob esta designação e que não seja simplesmente o tema “viagem”, tanto mais que entre os cultivadores deste gênero de narrativa se encontram autores de épocas e de estilos bem diversificados. No círculo de escritores-viajantes que li, contam-se gênios da literatura, como Goethe em *Viagem a Itália* (*Italienische Reise*, 1787); aventureiros no mais primordial sentido do termo, como Fernando Mendes Pinto (1983) em *Peregrinação* (1614); mestres do suspense como Agatha Christie (2010) em *Na Síria. Conta-me cá como vives* (*Come, Tell me How you Live. An Archeological Memoir*, 1946); contistas exímios como Somerset Maugham (2013) em *Um Gentleman na Ásia* (*The Gentleman in the Parlour: A Record of a Journey from Rangoon to Haiphong*, 1930); jornalistas que escrevem tão bem como os grandes escritores Ryszard Kapuściński (2020), Enric González (2014), Josep Pla (2011), Alexandra Lucas Coelho (2013) e escritores que se revelam jornalistas de excelência, como Eça de Queiroz (2001), Erico Veríssimo (1948), Raul Brandão (2011); extraordinários narradores do quotidiano do “estrangeiro” nos espaços que visitam, como Elias Canetti (1991), Josef Brodsky (1992), Alberto Moravia (2008), Italo Calvino (2016); ou ainda pensadores de épocas tão diversas como Heródoto, Montesquieu (2015) ou Mary Wollstonecraft (1796); uns que possuem um estilo brilhante no registo histriônico, como Jerome K. Jerome (1992) e outros, tão belo e num registo quase trágico, como Anne Marie Schwarzenbach (2008). E todos estes a par de uma plêiade de autores consagrados que se

dedicaram quase exclusivamente à literatura de viagens – Robert Byron (2014), Patrick Leigh Fermor (2020), Jan Morris (2016), Paul Theroux (2020). A escolha de nomes e a diversidade das obras só pode pecar por defeito.

A acumulação de leituras e a leitura quase compulsiva de um mesmo gênero é habitual e desejavelmente propícia a uma reflexão, em particular por parte de quem faz análise literária e/ou filosófica, na busca, mais do que causas para essa compulsão, de vertentes suscetíveis de análise. No meu caso, para além da questão inicial, a de tentar isolar o que une e reúne obras de épocas e de autores tão diversos para além do tema da viagem, interessou-me o perfil do narrador de viagens no duplo papel de narrador onisciente e de protagonista do seu relato; e o desenvolvimento da capacidade, no leitor, de ver através dos olhos de outro, gerada pela empatia, que é fruto da intersubjetividade, que ressalta do quotidiano do autor-viajante durante o seu périplo por lugares, paisagens e gentes que os habitam. Passo a expor algumas das minhas reflexões à luz de Kierkegaard e de Simmel.

A narrativa de viagens oferece ao leitor a oportunidade única de viajar no tempo e no espaço em três planos: o do leitor, no seu aqui e agora do ato de leitura, e os dois do narrador-viajante – o da viagem e o da recordação-repetição da viagem. De fato, o que distingue o registo autobiográfico de obras de literatura de viagens de outras narrativas autobiográficas é a circunstância da sua elaboração reproduzir mimeticamente a dialética entre recordação e repetição definida por Constantius/Kierkegaard: “Repetição e recordação são o mesmo movimento, apenas em direcção oposta; pois aquilo que se recorda, foi, repete-se para trás; enquanto a repetição propriamente dita é recordada para diante.” (KIERKEGAARD, 2009b, p. 32). O carácter fragmentário da maioria das obras de literatura de viagens fica a dever-se precisamente à circunstância de serem relatos cujo objetivo é descrever uma viagem enquanto sucessão de episódios que, podendo começar pelos preparativos, se cumprem numa sucessão de episódios cujo fim, por vezes, nem sequer coincide com o ponto final de uma viagem. Já Goethe se confrontara com esta questão. Ao fechar *Viagem a Itália*, interroga-se: “O narrador tem de apresentar tudo de forma fragmentária: como há-de daí nascer na alma do terceiro uma totalidade?” (GOETHE, 2001, p. 422) Esta inquietação é pacificada por Goethe saber que os seus amigos, destinatários das cartas enviadas durante a viagem, se dedicam agora ao estudo da Itália e da Sicília; além disso, Goethe confessa, magistralmente, que ele é mais um elo na cadeia, que outros, porventura de forma mais sistemática, percorreram os mesmos caminhos. Ou seja, no seu próprio deambular, também ele recorda e repete mimeticamente o que outros fizeram.

A aplicação mimética da dialética entre repetição e recordação não só é parte essencial da gênese de livros de viagens, como é fundamental, muito mais do que a verosimilhança, para incutir no leitor a convicção de que está diante da reprodução da verdade do que se viu e viveu. Porém, nem todos os livros de viagens tomam a forma de um diário de bordo ou de viagem, que mais facilmente nos leva a crer que o que lemos seja, no mínimo, fruto de notas tomadas no final de cada dia. A maioria segue uma estrutura capitular, ordenada cronologicamente de acordo com o itinerário percorrido, mas com uma distribuição de intensidade diferente – há momentos dedicados ao caminho, outros que privilegiam o contato humano ou a paisagem ou a monumentalidade do local, a par de outros nos quais predominam reflexões de âmbito diverso, por exemplo, econômico, sociológico, antropológico, ou até excursos de (re)criação literária. Curiosamente, há autores que confessam ter perdido os seus livros de notas, como Fermor em *Tempo de Dádivas* (FERMOR, 2020) e Bouvier em *O Mundo: Modo de Usar* (BOUVIER, 2019), sem que isso os tivesse impedido de recordar vividamente o que viram e experienciaram, atingindo até uma tal minúcia no pormenor descritivo de lugares e do quotidiano que, se não tivermos presente a definição proposta por Kierkegaard, podemos ser levados a pensar que, no mínimo, a capacidade de recordar é tão grande quanto a de inventar. Esta minha observação leva-me a uma outra, que apesar de ser uma verdade de La Palisse, tem de ser mencionada. Uma obra que caiba no subgênero de literatura de viagens não é um mero somatório de impressões ou recordações daquilo que o autor quis deixar registado para uma posteridade, ela deixa de ser só sua. Tem de estar não só bem “inventada”, do ponto de vista diegético, como ser portadora da marca estilística e literária que individualiza esse autor-viajante. Não penso que seja o percurso de vida desse autor-viajante, mesmo que ele o confesse, aquilo que prende o leitor a este subgênero; nem sequer que tal se deva a uma dose de exotismo dessa viagem, ou à riqueza cultural que da leitura nos poderá advir. Estes dois fatores despertam e alimentam a curiosidade, mas é a qualidade literária manifesta no domínio da técnica de narração, o tempero feliz da peripécia com a emoção imprimida ao relato desse percurso individualizado de uma viagem, inicialmente um objetivo de âmbito pessoal ou partilhado por um companheiro ou dois de viagem, aquilo que acaba por ser decisivo para que essa obra se constitua como uma etapa do nosso percurso de leitores.

Ao olharmos mais de perto o narrador-viajante, encontramos nele uma vertente estética e uma vertente ética, idênticas às comentadas quer por Kierkegaard quer por Simmel, que o singularizam como uma das mais felizes confluências de nar-



rador onisciente e de protagonista do seu relato, um caso semelhante ao duplo papel do narrador-detetive (e até do narrador-criminoso) nos romances e novelas policiais. O narrador-viajante onisciente imerge necessariamente na imediaticidade, não só como observador do que o rodeia, como também de si próprio face ao que observa. Assim, nem é colecionador de cidades, nem corre veloz adiantando-se à paisagem, pois a sua viagem é sempre de descoberta, de expedição e de investigação, e, em variado grau, é dessa forma que a observação da beleza, seja de que tipo for, uma vez despertada esteticamente, ganha contornos éticos. O narrador-viajante confronta-se individualmente com o que vê e o risco é seu, tal como o ganho é seu, ao contrário do alpinista em *Viagem Alpina*. Aliás, é raro ver-se como herói ou sequer ponderar o ganho moral que daí retira. Há uma gratuidade na experiência da viagem do narrador-viajante, como se tudo o que dela pudesse advir fosse bom para os seus propósitos, mesmo quando a experiência resultou mal, desapontou ou foi sentida como demasiado dura, que alia de novo o estético ao ético. Em elevado número de casos, o narrador-viajante é aventureiro, não como jogador ou artista, mas como aquele no qual a crença na sua força e a certeza da sua sorte se fundem num “sentimento de segurança” (SIMMEL, 2004b, p. 188), ambicionando antever a vida na sua completude em cada instante do seu percurso. À semelhança do estrangeiro descrito por Simmel, é aquele que chega hoje e parte amanhã, mas é capaz de em cada lugar partilhar dos segredos daqueles que encontra, embora a sua posição seja diferente do estrangeiro/estranho simmeliano (no sentido em que surge numa posição de maior destaque num lugar que não é o seu de origem) ou porque é portador de contatos de referência ou porque a sua presença, por inusitada, é acolhida com curiosidade. A mobilidade, aliada à abertura de espírito, desenvolve-lhe essa capacidade, atrás mencionada, de ver e de sentir, e possibilita ao leitor o desenvolvimento dessa outra capacidade – a de, através dos olhos de outro, ver e sentir os lugares, paisagens e gentes que os habitam, acabando, assim, por partilhar o quotidiano do autor-viajante durante o seu périplo, e por, na completude alcançada pelo autor, poder vislumbrar a sua própria completude.

Em *Filosofia da Paisagem* (1913), Simmel define o que designa por *Stimmung* da paisagem como o elemento portador da unidade da paisagem, anteriormente assim circunscrito: “Paisagem, afirmamos, nasce, quando uma justaposição de fenómenos naturais espalhados no território é co-apreendida num peculiar tipo de unidade, diferente de outras que abarcam este mesmo campo de visão.” (SIMMEL, 2011, p. 48). O que nos leva a classificar uma obra como pertencente ao subgênero de literatura de viagens

é em parte a capacidade do seu autor de descrever a *Stimmung* da paisagem, e, em parte, mais do que descrever o seu processo de imersão nela, ser capaz de infundir no leitor essa *Stimmung*, como fez o narrador onisciente de *Temor e Tremor*, no capítulo justamente intitulado *Stemming*, que se tornou narrador-viajante com o homem, cuja recordação da viagem abraâmica, o leva a repetições infindas na sua imaginação.

Termino com o parágrafo conclusivo de *Viagem a Itália*, no qual se combinam, numa perspectiva iluminada, as duas completudes que simultaneamente constituem um instante de um ciclo sem fim de recordações e repetições de viagens e de viajantes e de disposições de narradores e leitores:

Mas também é verdade que se cada homem não é mais do que um complemento de todos os outros, e se torna mais útil e simpático quando assim se apresenta, essa verdade é mais válida ainda, quando se trata de descrições de viagens e viajantes. A personalidade, os objectivos, a disponibilidade de tempo, os favores ou desfavores do acaso, tudo é diferente para cada um. Se conheço os que vieram antes dele, saberei também alegrar-me com ele, servir-me dele, esperar pelo seu sucessor e, se entretanto me tiver sido concedido visitar a mesma região, receber este com a mesma atitude cordial e indulgente. (GOETHE, 2001, p. 423).

## Notas

1 “O Novo Testamento, tido como um guia para o cristão, torna-se por esse motivo, dentro dessa aceção, uma curiosidade histórica, mais ou menos como um roteiro para viajantes num determinado país, quando nesse mesmo país tudo se encontra totalmente mudado. Um roteiro desse tipo já não tem mais a seriedade que nesse país preza aos viajantes, mas tem o maior valor como leitura de diversão. Enquanto se segue tranquilamente viagem no trem, lê-se isto no roteiro: “Aqui fica a temível garganta dos lobos, onde se cai 70 000 braças abaixo da terra”; enquanto se está sentado a fumar o charuto no acolhedor vagão-restaurante, lê-se no roteiro: “é aqui que se encontra o covil de um bando de ladrões que atacam e assaltam os viajantes”; é aqui, i.e, era aqui, pois agora – como é divertido imaginar como seria – agora já não há garganta nenhuma, mas sim uma linha férrea, e já não há nenhum bando de ladrões, mas sim um acolhedor vagão-restaurante.” (KIERKEGAARD, 2009c, p. 165, tradução nossa).

2 Texto consultado em: <https://socio.ch/sim/verschiedenes/1895/alpenreisen.htm>. Data de acesso: 6 nov. 2021.

## Referências

BOUVIER, Nicolas. *O mundo. Modo de usar*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2019. Título original: *L’usage du monde*, 1963.

- BRANDÃO, Raul. *As Ilhas Desconhecidas (1926)*. Lisboa: Quetzal, 2011.
- BRODSKY, Josef. *Marca de Água*. Lisboa: Dom Quixote. 1993. Título original: Watermark, 1992.
- BYRON, Robert. *Estrada para Oxiana*. Lisboa: Edições tinta-da-china. 2014. Título original: The Road to Oxiana, 1937.
- CALVINO, Italo. *Um Optimista na América (1961; inédito até 2012)*. Lisboa: Dom Quixote, 2016.
- CANETTI, Elias. *As Vozes de Marraquexe*. Lisboa: Dom Quixote, 1991. Título original: Die Stimmen vom Marrakesch. Aufzeichnungen nach einer Reise, 1967.
- CHRISTIE, Agatha. *Na Síria. Conta-me cá como vives*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2010. Título original: Come, Tell me How you Live. An Archeological Memoir, 1946.
- COELHO, Alexandra Lucas. *Vai Brasil*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2013.
- FERMOR, Patrick Leigh. *Tempo de Dádivas. Uma viagem a pé*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2020. Título original: A Time of Gifts, 1977.
- GOETHE, Johann W. von. *Viagem a Itália*. Trad.: João Barrento. Lisboa: Relógio de Água, 2001.
- GONZÁLEZ, Enric. *Histórias de Roma*, Lisboa: Edições tinta-da-china, 2014. Título original: Histórias de Roma, 2006.
- JEROME, Jerome K. *Três Homens de Bicicleta*. Lisboa: Livros Cotovia, 1992. Título original: *Three Men on the Bummel*, 1900.
- KAPUŚCIŃSKI, Ryszard. *Andanças com Heródoto*. Lisboa Livros do Brasil, 2020. Título original: *Podróże z Herodotem*, 2007.
- KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. A Repetição*. Trad.: José Miranda Justo. Lisboa: Relógio de Água, 2009b.
- KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Christelige Taler. Søren Kierkegaards Skrifter*, v. 10. Copenhaga: Gads Forlag, 2004.
- KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Migalhas Filosóficas*. Trad.: José Miranda Justo. Lisboa: Relógio de Água, 2012.
- KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. O conceito de angústia: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis*. Trad.: Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Trad.: Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Om min Forfatter-Virksomhed. Til Selvprøvelse Samtiden anbefalet. Dette skal siges; saa være det da sagt. Hvad Christus dømmer om officiel Christendom*. Guds Uforanderlighed og Øieblikket nr. 1-10. Søren Kierkegaards Skrifter, v. 13. Copenhaga: Gads Forlag, 2009c.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Ou-Ou. Um Fragmento de Vida*. Primeira Parte. Trad.: Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio de Água, 2013a.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Ou-Ou. Um Fragmento de Vida*. Segunda Parte. Trad.: Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio de Água, 2017.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Pós-escrito Conclusivo Não-Científico às Migalhas Filosóficas*. Trad.: Álvaro L. M. Valls; Marília Murta de Almeida. Petrópolis: Editora Vozes, 2013b.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Stadier paa Livets Vei. Søren Kierkegaards Skrifter*, v. 6. Copenhaga: Gads Forlag, 1999.

KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaard. Temor e Tremor*. Trad.: Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio de Água, 2009a.

MAUGHAM, W. Somerset. *Um Gentleman na Ásia*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2013. Título original: *The Gentleman in the Parlour: A Record of a Journey from Rangoon to Haiphong*, 1930.

MONTESQUIEU. *Cartas persas*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2015. Título original: *Lettres persanes*, 1721.

MORAVIA, Alberto. *Uma ideia da Índia*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2008. Título original: *Un' Idea dell' India*, 1961.

MORRIS, Jan. *Espanha*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2016. Título original: *Spain*, 1964.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação (1614)*. Transcrição de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Imprensa nacional Casa da Moeda, 1983.

PLA, Josep. *Viagem de autocarro*. Lisboa: Edições tinta-da-china, 2011. Título original: *Viáje en autobús*, 1942.

QUEIROZ, Eça de. *O Egípto. Notas de Viagem (1869)*. Lisboa: O Independente, 2001.

SCHWARZENBACH, Anne Marie. *Morte na Pérsia*. Lisboa: Edições tinta-da-china,

2008. Título original: Tod in Persien, 1995.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel. A Aventura*. In: SIMMEL, Georg *Fidelidade e Gratidão e outros textos*. Trad.: Maria João Costa Pereira; Michael Knoch. Lisboa: Relógio de Água, 2004b, p. 179-197.

SIMMEL, Georg. *Georg Simmel: Alpenreise*. Soziologisches Institut der Universität Zürich, Universität Zürich, Zürich, [20--]. (Die Zeit. Wiener Wochenschrift für Politik, Volkswirtschaft, Wissenschaft und Kunst. 4. Band, 1895, Nr. 54 vom 13. 7. S. 22-24). Disponível em: <https://socio.ch/sim/verschiedenes/1895/alpenreisen.htm>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SIMMEL, Georg. Georg Simmel. Filosofia da paisagem. In: SIMMEL, Georg. *Filosofia da Paisagem. Uma Antologia*. Coordenação de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011. p. 42-51.

SIMMEL, Georg. Georg Simmel. O Estrangeiro. In: SIMMEL, Georg. *Fidelidade e Gratidão e outros textos*. Trad.: Maria João Costa Pereira; Michael Knoch. Lisboa: Relógio de Água, 2004a, p. 133-141.

SIMMEL, Georg. Georg Simmel. Sociologia do espaço. Trad.: Rainer Domscke; Fraya Frehse. *Estudos Avançados*, [s. l.], v. 27, n. 79, p. 75-112, 2013.

THEROUX, Paul. *O Velho Expresso da Patagônia*. Lisboa: Quetzal, 2020. Título original: The Old Patagonian Express, 1979.

VERÍSSIMO, Erico. *Gato preto em campo de neve (1941)*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1948.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Letters written during a Residence in Sweden, Norway and Denmark (1796)*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1976.